

**KAINGANG**  
**UM ESTUDO ETNOBOTÂNICO**  
**AS PLANTAS E AS CATEGORIAS *KAMÉ* E**  
***KANHRU*\***

**Moacir Haverroth\*\***

Os Kaingang habitam a região sul do Brasil, desde o estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, distribuídos atualmente em vinte e seis Áreas Indígenas, sendo duas em São Paulo, onze no Paraná e quatro em Santa Catarina. A língua Kaingang pertence a família linguística Jê, tronco Macro Jê, sendo que se distinguem cinco dialetos de acordo com a variação regional<sup>1</sup>.

Na bibliografia geral que trata dos Kaingang, desde as primeiras informações surgidas sobre essa população até muito recentemente, há uma série de contradições, informações confusas e parciais no que se refere a sua organização social e, mais especificamente, às categorias em que eles se dividem. Entretanto, é consenso entre os pesquisadores que atualmente se dedicam ao estudo dos Kaingang a existência das duas "metades clânicas"<sup>2</sup> ou metades exogâmicas e patrilineares *kamé* e *kanhru*<sup>3</sup>. Quanto as demais categorias, não entraremos em detalhes<sup>4</sup>. Estas duas categorias principais estão associadas à origem

---

\* O trabalho que ora apresentamos é parte do resultado de pesquisa de mestrado realizada na A.I. Xapeco, municípios de Ipuçu e Marema, no oeste do estado de Santa Catarina, entre setembro de 1994 e abril de 1995. Uma versão inicial deste texto foi apresentada na XX Reunião Brasileira de Antropologia, 14-18/04/1996, Salvador-BA. Agradecemos a CAPES pela bolsa de mestrado concedida.

\*\* Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestrando em Antropologia Social também pela UFSC. Lecionou no Departamento de Antropologia da UFRR no semestre 1995/2.

<sup>1</sup> Dialeto de São Paulo: falado ao norte do rio Paranapanema, no estado de São Paulo; dialeto do Paraná: falado na área entre os rios Paranapanema e Iguçu; dialeto Central: entre os rios Iguçu e Uruguai; dialeto Sudoeste: falado ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo; e dialeto Sudoeste: ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo (Wiesemann, 1971: prefácio).

<sup>2</sup> Veiga (1994: 57).

<sup>3</sup> Adotarei aqui a grafia de acordo com as regras gramaticais para a língua Kaingang do Summer Institute of Linguistics, conforme consta em Wiesemann, 1971.

<sup>4</sup> A esse respeito, ver Veiga (1992; 1994).

mitológica dos Kaingang, onde consta que **kamé** e **kanhru** são os ancestrais das respectivas metades<sup>5</sup>.

Os mitos de origem registrados sugerem que os irmãos **Kamé** e **kanhru** fizeram cada qual certos animais. Na versão apresentada por Nimuendajú, entretanto, consta que fizeram todos os animais e plantas, os quais seriam reconhecidos pelas marcas e aspectos físicos associados ao respectivo criador.

*"A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles têm a cor de terra. (...) Sairam em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome **Kañerú** e **Kamé**, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que **Kañerú** e a sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativas, mas de pouca persistência. **Kamé** e os seus companheiros, ao contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais, e que povoaram a terra com os seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ou ao clã de **Kañerú** ou ao de **Kamé**. Todos ainda manifestam a sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã **kañerú** é malhado, o que pertence ao clã **kamé** é riscado. O Kaingang reconhece estas pintas tanto no couro dos animais como nas penas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas, ou na madeira das plantas. Das duas qualidades da onça pintada, o acanguçu é **kañerú**, o fagnareté<sup>6</sup> é **kamé**. A piava é **kañerú**, (...). O dourado é **kamé**. O pinheiro é **kañerú**, o cedro é **kamé** etc. (Nimuendajú:[1913] 1993:58-9).*

---

diversos autores mencionam ou transcrevem o mito de origem dos Kaingang, cada qual com umas variações. Entre eles, Borba (1908: ) e Nimuendajú ([1913] 1993: 58-9).

eiga (1994: 61), ao tratar do tema, refere-se ao termo *fagnareté* em nota de rodapé, o qual a na verdade "jaguareté", tratando-se de erro de impressão ou transcrição dos manuscritos Nimuendajú.

Assim, levantamos um aspecto da classificação do mundo natural pelos kaingang partindo da idéia de que, tal como as pessoas, os objetos da natureza também são classificados segundo as categorias **kamé** e **kanhru**. Nimuendajú é o único autor que afirma categoricamente a existência dessa classificação. Num outro texto, analisado por Schaden, Nimuendajú mantém tais afirmações, as quais Schaden considera "talvez exageradas" ao tratar da visão geral do mundo, onde "a noção de dualidade do grupo e dos heróis ancestrais assume o caráter dum genuíno dualismo".

*"Não somente a tribo inteira dos Kaingygn, desde o Tietê até o Ijuí, se divide, segundo a descendência do lado paterno, nesses dois clãs exógamos, como também toda a natureza. Distinguindo entre os objetos delgados e os grossos, entre os malhados e os estriados, o Kaingygn os considera pertencentes ou a Kañerú ou a Kamé, decidindo se foi este ou aquele que os fez e por qual dos dois podem ser usados no ritual. A divisão em clãs é o fio vermelho que se estende por toda a vida social e religiosa dessa tribo. (Nimuendajú, 1944, apud Schaden, ([1945] 1989: 109).*

Veiga (1994:60-62), ao tratar das metades clônicas, estende a sua análise para o mundo natural, fazendo referência a mesma passagem de Nimuendajú ([1913] 1993: 59). Veiga confirma a classificação dos seres e objetos naturais de acordo com as metades e suas respectivas marcas ou características. Dessa forma, o que tem aparência arredondada (**ror**) é associado à metade **kanhru** e comprida (**têj**) à metade **kamé**. A inclusão de uma pessoa numa metade ou outra depende da sua paternidade, mas também do nome que ela receber. Um dos critérios para identificar a metade a que se pertence é o seu nome, conforme se observa no ritual do **kiki**<sup>7</sup>. Veiga (op.cit.) apresenta em anexo uma listagem de nomes pessoais pertencentes a cada metade. Cada metade possui um estoque de nomes, o que significa, numa visão ideal, que um nome pertencente a **kamé** não pode ser atribuído a uma pessoa da metade **kanhru** e vice-versa.

---

<sup>7</sup>Ritual Kaingang realizado por volta dos meses de abril, maio, junho e que é o momento de maior expressão da tradição cultural desse grupo. Tivemos oportunidade de presenciar e registrar, juntamente com outros pesquisadores, o **kiki** de 1994. Em 1995, basicamente a mesma equipe de pesquisadores acompanhou e registrou o ritual, embora desta vez eu não tenha acompanhado com presença. Destes trabalhos, está sendo criado um filme, atualmente em fase de editoração. Fazem parte da equipe mencionada Robert Crépeau, Rogério Reus Gonçalves da Rosa, Ledson Kurtz de Almeida, Eliana Diehl, Maria Conceição ... e eu.

Utilizando como exemplo um desses nomes, Veiga (op.cit.) demonstra que um nome pessoal pode ser um nome de um ser da natureza, no caso uma planta (samambainha): “*Ngrâ é nome kaïru, é a samambainha; não vê que ela vive fechado, é kaïru*” (:60 e anexo). “Fechado”, nesse caso, quer dizer “enrolado”, “arredondado”, o que estaria de acordo com a marca **kanhru**, detalhe também observado pela mesma autora. Ainda em relação a classificação da natureza em **kamé** (tèj) e **kanhru** (ror), Veiga acrescenta suas observações baseadas na sua pesquisa:

*“Em minha experiência de campo pude verificar que, se perguntarmos aos Kaingang sobre cada animal ou pássaro daqueles presentes nos mitos, respondem rapidamente classificando-os numa metade ou outra, ficando em dúvida quanto a um ou outro animal que os mitos não mencionam, ou afirmando não saber a metade à que pertencem (o que também confirma a classificação). Eles explicavam, evasivamente, que ‘decerto não foram ao kiki’, o que significa que não foram marcados com os sinais clânicos e, portanto, não foram classificados (ou então, porque não foram ao kiki não se fica sabendo a sua marca/metade). Apesar de eventualmente não classificarem algum animal (ou planta) em uma das metades (o que é a mesma coisa que classificá-lo nas categorias rôr ou téi), a diferença entre seres compridos e achatados é tão importante entre os Kaingang, que sua língua possui verbos distintos para o ato de carregar um objeto rôr ou téi. E, de maneira geral objetos, plantas e animais tendem a ser classificados em kamé ou kaïru, o que corresponde às informações de Nimuendaju.” (Veiga, 1994:61).*

Baldus (1937), ao tratar do ritual kaingang por ele denominado de “culto aos mortos”, apresenta seu diálogo com o velho chefe Kõikâng. A certa altura, questiona o velho sobre a divisão das estrelas, plantas e animais em “kamé” ou “kadnyerú”.

*“Uma vez, um homem me dizia que todas as plantas e os animais e as estrelas são ou kamé ou kadnyerú, sempre a metade deles kamé e outra metade kadnyerú”. (Baldus, 1937: 63).*

A resposta de Kõikãng não confirma tal classificação.

*"As estrelas são filhos do sol e da lua, mas não são Aniky, não são Kamé, não são Kadnyerú, não são Votôro. Cada estrela tem um nome, mas as estrelas não são separadas umas das outras como Kamé e Kadnyerú. E as plantas e os animais não são Aniky, não são Kamé, não são Kadnyerú, não são Votôro, porque eles não foram pintados por nossos primeiros velhos, e porque eles têm pinturas completamente diferentes".(op.cit.: 63).*

Baldus, no entanto, não chega a analisar a explicação do velho.

Tal passagem é comentada por Schaden ([1945] 1989: 109-110): "além de restringir, assim, a extensão do dualismo acentuado por Nimuendajú, essa explicação é interessante por mostrar de modo inequívoco a atuação decisiva dos heróis ou antepassados ('nossos primeiros velhos') com relação a esse mesmo dualismo e, em especial, à divisão da tribo em diferentes grupos ou clãs. Para que alguma pessoa ou coisa seja Aniky ou Kamé, Kadnyerú ou Votôro, é, pois, indispensável que tenha sido pintada pelos avoengos da tribo". Neste comentário, Schaden não chega a concordar totalmente com a afirmação do velho Kõikãng de que as plantas e animais não são categorizados em kamé e kanhru, mas apenas que ela restringe a extensão desse dualismo feita por Nimuendajú. Essa extensão foi considerada "talvez exagerada", portanto, não chegou a excluí-la. Como pode-se ver, Schaden tocou em duas afirmações extremas e sutilmente as abrandou. O interesse de Schaden (op. cit.) era com os heróis míticos e, nesse sentido, procurou demonstrar o papel determinante dos personagens **Kamé** e **Kanhru** no dualismo existente no grupo, não se aprofundando no dualismo em si, pelo menos não no dualismo dos objetos naturais.

A esta altura da discussão, já há condições para uma constatação. Independente da maior ou menor intensidade ou abrangência do dualismo Kaingang (**kamé/kanhru**), fica evidente que ele existe e que está relacionado de alguma forma (feitos, pintados) com os ancestrais que recebem o mesmo nome das metades <sup>8</sup>. O

<sup>8</sup> Neste ponto, vale apontar uma passagem de Baldus (1937: 60): *A tradição Kaingang diz (...), que, no princípio, tudo, menos os homens, já estava na terra. Os Kaingang foram os primeiros homens (...)*. Esta afirmação não estaria de acordo com a de que Kamé e Kanhru fizeram as

dualismo Kaingang para o mundo natural foi confirmado por Veiga (1994) em sua pesquisa na A.I. Xapeco, conforme citação acima.

Alguns breves e poucos artigos que tratam do ritual do **kiki** entre os Kaingang de Xapeco nos últimos anos<sup>9</sup> se referem a algumas plantas que estão presentes de forma marcante no ritual. Nesse contexto, o pinheiro (*Araucaria angustifolia*) é uma peça chave. Do seu tronco se faz o cocho onde é colodada a bebida (**kiki**), seu carvão é utilizado para pintar as marcas nas pessoas da metade **Kamé**, seus ramos são colocados sobre as sepulturas dos mortos da metade **Kamé**<sup>10</sup>. A planta conhecida como sete-sangrias (*Symplocos sp ?*)<sup>11</sup> é utilizada para fazer o carvão para pintar as marcas nas pessoas da metade **kanhru** e é colocada sobre as sepulturas dos mortos da metade **kanhru**. Esses mesmos detalhes também verificamos no ritual ocorrido em 1994 e pela equipe que o acompanhou em 1995. Portanto, o pinheiro está claramente categorizado como uma planta **kamé** e a sete-sangrias como uma planta **kanhru**<sup>12</sup>. Porém, a classificação das plantas no contexto do **kiki** se resume basicamente a essas duas plantas. Outras são citadas, mas não categorizadas, como nas demais bibliografias Kaingang que apenas mencionam o uso de certas plantas.

---

plantas e os animais. *O veado fez o mato porque corre muito e porque queria correr no mato.* nesse caso, os animais teriam sido criados antes das plantas.

<sup>9</sup> HECK, Egon, 1976; REVISTA DE ATUALIDADE INDÍGENA, 1977; LUTA INDÍGENA, 1986.

<sup>10</sup> São os **páikri**, que após a reza sobre a respectiva sepultura, são retirados e jogados para fora do cemitério.

<sup>11</sup> A identificação científica das plantas anotadas em pesquisa de campo está em andamento. Para este trabalho, contamos com o apoio de Ana Maria Zanin, professora do Centro de Ciências Biológicas, Horto Botânico, da Universidade Federal de Santa Catarina, a quem agradecemos.

<sup>12</sup> Nimuendajú ([1913] 1993: 59) cita o pinheiro como sendo **kanhru** e o cedro como **kamé**. Quanto a isso, Veiga (1994: 61) procura justificar esta provável inversão: "... é provável que tenha ocorrido uma inversão na anotação daquele autor, pois é consensual, entre os Kaingang, que o pinheiro é **kamé** e o cedro é **kairu**". Rosa (1995: 11), quando comenta sobre as "variantes" percebidas na cultura Kaingang, se refere a este detalhe: "Nimuendajú, no início do século, atribuiu o pinheiro a **Kairu** e o cedro a **Kamé**; Veiga 'corrigiu-o', mas considerou Leste a **Kairu** e Oeste a **Kamé** - o inverso que constatamos no ano seguinte. Será que, de fato, os pesquisadores cometem tantos lapsos ou é a dinâmica kaingang em ação?"

Pensamos que uma outra hipótese para explicar a suposta inversão feita por Nimuendajú é a de que esse autor, em sua observação de campo, possa ter interpretado de forma equivocada alguns fatos. Sabemos hoje que no ritual do **kiki** há uma inversão nas posições das metades. Assim, os **kanhru** é que derrubam o pinheiro e preparam o cocho; nos "fogos", os **kamé** permanecem no lado **kanhru** e estes no lado **kamé**, os **kamé** rezam sobre a sepultura **kanhru** e estes rezam sobre as de **kamé**. Caso este detalhe fosse assim na época de Nimuendajú e ele tenha assistido a alguma manifestação ritual ou mesmo ouvido sua narração, pode ter havido então uma interpretação equivocada.

Nenhuma outra referência foi encontrada tratando da classificação dos objetos naturais pelos Kaingang. Em nosso trabalho de pesquisa entre os kaingang de Xapeco, procuramos esclarecer esta questão. Em primeiro lugar, se realmente reconhecem o dualismo **kamé/kanhru** no mundo das plantas. Confirmada a sua existência, quais critérios determinam a classificação de uma planta numa categoria ou em outra. Todas as plantas são assim classificadas ? o que determinaria que todas, ou que apenas determinadas plantas, sejam classificadas ?

Levou um tempo considerável para que este assunto surgisse na pesquisa. Como havia outras questões sendo pesquisadas em relação às plantas, a idéia era deixar que o tema da categorização das plantas em **kamé** ou **kanhru** surgisse naturalmente no decorrer do trabalho. Foi assim que aconteceu. Num momento em que eu ouvia histórias sendo contadas, de um detalhe a outro do relato, **Fògvēnhrà** começou a falar de uma planta que é **kamé** e de outra que é **kanhru** (ver tabela abaixo). Assim anotei no diário:

*De acordo com Fògvēnhrà, "todas as plantas são remédio"<sup>13</sup>. Neste momento, começou a falar da cabriúva, a qual citou como sendo **kanhru**, e o tarumã com sendo **kamé**. Assim segue...*

*- cabriúva (kētynh'ja): é um remédio **kanhru**. Quando uma criança está para nascer, o pai já deixa aquela madeira preparada. No seu miolo, tem água, a qual é usada para lavar a criança. Dessa maneira, ela crescerá sadia.*

*- tarumã (kētaprè): é um remédio **kamé**. Faz-se da mesma maneira como acima, só que o pai **kamé**, mas como ela não tem água, tiram-se as folhas novas, soca bem e põe de molho para lavar a criança com a água.*

A partir desse relato, havia a constatação da categorização das plantas de acordo com as metades. O problema então era saber os critérios que definem a categoria de uma planta. Sabe-se, conforme Veiga (1994), que cada metade possui um estoque de nomes pessoais.

---

<sup>13</sup> A tônica da pesquisa foram as plantas medicinais, embora neste esquema classificatório específico, qualquer planta poderia ser considerada. Entretanto, pela afirmação destacada acima, a qual muitos me repetiram, percebe-se que na concepção kaingang de remédio (vēnh-kagta) todas as plantas entrariam nesta categoria, mesmo que não se conheça a propriedade de todas elas.

Dentre tais nomes, há os que estão associados a plantas. São nomes de plantas conhecidas e que são atribuídos a pessoas. Pode estar relacionado a semelhanças percebidas entre a pessoa nomeada e a planta cujo nome lhe é atribuído ou pela intenção de dotar a pessoa com certas qualidades marcantes da planta e que são desejáveis para a pessoa. Este detalhe do processo de nomeação Kaingang fornece uma pista de um critério para a inclusão das plantas numa ou outra metade. Portanto, uma maneira de saber a qual categoria, das duas metades, pertence uma planta, é lembrando de uma pessoa que tenha o nome associado àquela planta. Se tal pessoa é **kamé**, assim será também a planta. O mesmo acontecendo para a categoria **kanhru**. Esta suposição me foi confirmada por mais de uma pessoa, duas delas são **kujà**<sup>14</sup>. No entanto, este critério estaria limitado no número de plantas categorizadas, pois dependeria do número de nomes pessoais que tem ligação com nomes de plantas.

Se a versão mítica de que os irmãos **Kamé** e **Kanhru** fizeram todas as coisas da natureza for pertinente, e isso dependeria da interpretação dos próprios kaingang, então cada planta seria classificada de acordo com seu criador. Isto dependeria do conhecimento dos velhos kaingang que assim entendem a origem das plantas. Porém, o problema vai além.

No decorrer da pesquisa, me deparei com outra interpretação dessa categorização das plantas. **Rekô**<sup>15</sup> indicou várias plantas, como eram usadas, categorizando todas elas em **kamé** ou em **kanhru** (ver tabela abaixo). O critério principal e mais apontado por ele para definir a categoria de uma planta é através da cor. Dessa maneira, as plantas escuras ou pretas são **kanhru** e as claras ou brancas são **kamé**. Cada vez que indicava uma planta como **kanhru**, associava com a cor escura e sua própria cor: "*não vê que eu sou preto, eu sou **kanhru***". Num dos exemplos que citou, além da cor, diferenciou duas plantas muito parecidas pela característica do fruto. Uma tem fruto mais "compridinho" (**kamé**), o da outra é mais "redondinho" (**kanhru**), dando ênfase aos elementos **têj** (comprido) e **ror** (redondo),

---

<sup>14</sup> Numa definição muito breve, por isso limitada, **kujà** é um especialista em cura, cujo guia é um espírito animal com o qual entraria em contato através dos sonhos e, dessa maneira, fica sabendo das coisas.

<sup>15</sup> Este Kaingang se auto-identifica e a sua família como "índio puro", em contraposição aos "brancos" e "índios que não são mais índio puro". Esta diferenciação também é usada por ele para justificar o seu conhecimento como "certo" em comparação com o dos outros.



de acordo com o que Veiga (1994, citação acima) também apontou. Portanto, nesse caso, um critério diferente, a cor, foi usado com ênfase para classificar as plantas nas duas metades.

Verifiquei que as duas plantas indicadas por Fògvènhrà (cabriúva e tarumã) receberam nomes kaingang diferentes por **Rekò** e por **Vaha**, kujà com quem também trabalhei (ver tabela abaixo). Nesses casos, houve também uma categorização diferenciada. Esta variação de nomes e de categorização vem reforçar o critério baseado na nomenclatura para definir a classificação das plantas nas metades. Neste ponto, uma outra questão aparece: o nome é **kamé** ou **kanhru** e por isso a planta é **kamé** ou **kanhru**; ou a planta é que se define como **kamé** ou **kanhru** e, conseqüentemente, o seu nome e quem recebê-lo será **kamé** ou **kanhru**? A resposta necessita de uma análise mais ampla a partir de uma investigação mais detalhada.

As tabelas que seguem apresentam uma série de plantas categorizadas segundo as suas "marcas". Estão de acordo com a categorização que os respectivos informantes indicaram.

Podemos verificar que algumas plantas se repetem para mais de um informante. Em tais casos, cada informante citou um nome diferente e a categorização também pode variar segundo o informante (ou seria segundo o nome da planta?). Portanto, verificamos logo que há diferenças nesse tipo de categorização das plantas, dependendo do informante e de seu critério.

Constará apenas o nome Kaingang da pessoa que forneceu as informações, conforme está sendo usado até aqui. Está marcado também a metade clânica da pessoa que indicou.

Nome em português	nome em kaingang	KAMÉ	KANHRU
(quem indicou)	kēmüpråg	+	
abóbora	pèho-kustüg	+	
açoita-cavalo	kētünhu	+	
alecrim-do-mato	kókai		+
amora-branca	krèg-kupri		+
amora-preta	krèg-sà		+
angico	ka-rug-måg	+	
ariticum-preto	kokrey-sà	+	
butieiro	tänh-måg		+
cabriúva	kētanh'ja	+	
guamirim	fyr		+
ipê	pa	+	
moranga	pèho-pě	+	
palmeira	tänh	+	
pinheiro	fåg	+	
tarumã	kětaprè		+

nome em português	nome em kaingang	KAMÉ	KANHRU
(quem indicou)	Fòg-vènh-rà		+
cabriúva	kětynh'jè		+
tarumã	kětaprè	+	

nome em português	nome em kaingang	KAMÉ	KANHRU
(quem indicou)	Vaha	+	
abóbora	pèho	+	
acataia	ka-fòg		+
cabriúva	kātàgòrá	+	
cambará	ka-kupri		+
carrapicho-de-carneiro	karapiso	+	
cipó-guaimbé	kò-mrür	+	
cipó-milome	mrür-ger	+	
cipó-tinta	pěnvapě		+
mandioca-braba(do mato)	kumí	+	
milho-amarelo	gār	+	
milho-cateto	gār-pě		+

samambaia (do mato)	pri	+	
samambaia (da roça)	pòvèj	+	
sassafrás	kágrir		+
sete-sangrias	kág-fun		+
tarumã	nèrjòr		+
??	kupi	+	

nome em português	nome em kaingang	KAMÉ	KANHRU
(quem indicou)	Rekò		+
açoita-cavalo	káfèj-ror		+
bico-de-corvo	jãtã-jã		+
bico-de-tucano	grũ-jã	+	
butieiro	tãnh-màg-rur	+	
cabriúva-grápia	ka-kupri	+	
caitê-de-cutia	kysò-ty	+	
camboatã	sàkrĩkri	+	
canjarana	fã-sã	+	
carova	maj		+
carova	pèkĩg	+	
cedro	fò		+
gerivá	tãnh	+	
guanxuma	kãpò		+
tarumã	kãntãr		+
urtiga	pyrfè	+	
??	kògtapré	+	

## Considerações finais

Lembremos mais uma passagem de Nimuendajú ([1913] 1993), quando relata informações sobre a "festa do kiki-ko-ia", ritual do **kiki**, o qual atualmente está estruturado de maneira diferente.

*Não se pinta o corpo e a cara nesta festa mas usa-se pôr penas que cada clã tira dos passarinhos que o seu fundador fez. (op. cit. : 68). Sinal da distinção dos pássaros em kamé e kanhru.*

*De madrugada tem lugar a cerimônia de "sentar no kurú branco", uma espécie de veneração à classe dos paí. (...) Os kamé-ag-paí recebem a penugem de um grande gavião branco (karý) os Kañerú-ag-paí fora da penugem recebem também algumas penas do rabo da arara (kaégn) no cabelo, com as pontas viradas para baixo. A classe comum dos Kamé põe a penugem do nbaita, os Kamé-ag-péne porém só no alto da cabeça.*

Portanto, o que parece haver é a distinção das metades e classes através do uso de penas como ornamento, diferenciando-se pelo tipo de pena e pela maneira de usar ou em que parte do corpo são afixadas. Assim, ao diferenciar-se cada clã e cada classe, diferenciam-se também as aves segundo estas mesmas categorias.

Passemos para uma interpretação do **kiki** conforme observamos atualmente. Na pintura das faces com carvão, a distinção também ocorre através do tipo de carvão (madeira usada para fazê-lo) nas diferentes categorias de pessoas, demonstrando a classificação das plantas usadas. Além disso, estas marcas pintadas distintamente nas pessoas de diferentes categorias associa-se à espécie de onça, as quais estariam assim também categorizadas. Resumindo, na pintura com um certo carvão e feita de uma certa forma em certas pessoas, há uma categorização do mundo humano, animal e vegetal, todos representados através de uma marca. Há uma associação destes três universos, unidos numa marca que os categoriza/classifica.

Esta categorização das plantas se aproxima de uma classificação codificante, em contraposição a uma classificação de

arranjo<sup>16</sup>, conforme discutido por Taylor (1976:121-148). A classificação de arranjo “envolve a rotulação, através de significação primária, de categorias que resultam de uma classificação de primeira ordem de um domínio que não foi previamente classificado. Uma classificação codificante envolve a associação de dois domínios anteriormente autônomos, sendo cada um já o objeto de uma classificação de arranjo, num processo de significação secundária, metafórica, simbólica” (Taylor, 1976:125). Entretanto, não entraremos aqui nessa discussão específica. Esta é uma questão que exige um espaço maior.

A discussão em torno deste assunto, particularmente com relação aos Kaingang, necessita ainda de mais investigação, da obtenção de um volume maior de dados, tanto na A.I. Xapeco como nas outras Áreas Kaingang. Ainda há muito o que discutir a respeito da classificação das plantas pelos Kaingang e, em especial, sobre a categorização das plantas em *kamé* e *kanhru* pelos Kaingang.

## **Bibliografia**

- BALDUS, Herbert. “Culto aos Mortos entre os Kaingang de Palmas”. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. pp. 29-69.
- BORBA, Telêmaco Morocines. **Actualidade Indígena**. Imprensa Paranaense. Curitiba, 1908. 172 p.
- HECK, Egon. **Kiki, Expressão Cultural-Religiosa do Povo Kaingang**, mimeo, s/d. (Também publicado no **Boletim do CIMI** 29: 11-17, Brasília, 1976).
- LUTA INDÍGENA**, nº 24: 11-14, junho/86. “A Celebração do kiki entre os Kaingang”, CIMI- Regional Sul: Xanxerê-SC, 1986.

---

<sup>16</sup> As classificações de arranjo do domínio das plantas em geral conhecidas pelos Kaingang de Xapeco e das plantas medicinais em particular são parte integrante de minha dissertação de mestrado, a qual se encontra em fase de conclusão.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e Indigenismo. Sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará.** Campinas: Editora da UNICAMP, [1913]1993.

**REVISTA DE ATUALIDADE INDÍGENA.**, ano I, nº 02: 58-61, janeiro de 1977, "Kiki, Ritual sem Hora para Acabar". Brasília-DF: Assessoria de Comunicação Social da FUNAI, DPF/DCDP-283- P. 209/73, 1977.

ROSA, Rogério Reus gonçalves da. "**Seção**" ou "**Função Cerimonial**" na **Sociedade Kaingang**. Monografia produzida para a disciplina Minorias Étnicas, semestre 95/1, coordenada pelo prof. Oscar Agüero, PPGAS-UFRGS, Porto Alegre.1995 (mimeo).

SCHADEN, Egon. **A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil.** 3º edição. Série Passado e Presente. São Paulo: EDUSP, [1945] 1989.

TAYLOR, Kenneth I.. "Sistemas de Classificação e a Ciência do concreto". In: **Anuário Antropológico.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. pp. 121-148.

VEIGA, Juracilda. "Revisão Bibliográfica Crítica sobre Organização Social Kaingang". **Cadernos do CEOM.** Chapecó-SC: UNOESC, nºErro! Indicador não definido. 08,1992.

\_\_\_\_\_. **Organização Social e Cosmvisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nominação em uma sociedade Jê meridional.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas,1994.

WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Kaingang-Português, Português-Kaingang.** Brasília: Summer institute of Linguistics/FUNAI, 1971.

## ANEXO I

MITO DE ORIGEM KAINGANG REGISTRADO POR  
TELÊMACO BORBA NA OBRA "ACTUALIDADE/ INDÍGENA",  
1908: 20-22.

### "LENDAS OU MYTHOS DOS ÍNDIOS CAINGANGUES

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. São o cume da serra *Crinijimb * emergia das agoas.

Os *Caingangues*, *Cayurucrés* e *Camés* nadavam em direc o a ella levando na bocca achas de lenha incendidas. Os *Cayurucrés* e *Camés* cançados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Caingangues* e alguns poucos *Curutons*, alcançaram a custo o cume de *Crijijimb *, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores; e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer; j  esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a   agoa que se retirava lentamente.

Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e canvidando os patos a auxili las; em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os *Caingangues* que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos das arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram, com seu trabalho, do lado donde o sol nasce; por isso nossas agoas correm todas ao poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Csinguangues* se estabeleceram nas immediaç es de *Crijijimb *. Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior della; depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas: pela aberta por *Cayurucré*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras; dahi vem terem elles conservado os p s pequenos; outro tanto não aconteceu a *Cam *, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, e os seos, os p s que incharam na marcha, conservando por isso grandes p s até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela s de, tiveram de pedi-la a *Cayurucré* que consentio que a bebessem quanto necessitassem.

Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo; estes, porem, por preguiça de tornar a subir ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *caingangues*: por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior a sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *ming*, e disseram a elles: - vão comer gente e caça - ; e os tigres foram-se rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com as cinzas fizeram as antas, *oyoro*, e disseram: - vão comer caça - ; estas, porem, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer; *Cayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com mao modo: - vão comer folha e ramos de arvore - ; desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos de arvore e fructas.

*Cayurucré* estava fazendo outro animal; faltava ainda a este os dentes, lingua e algumas unhas, quando principiou a amanhecer e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz-lhe às pressas uma varinha fina na boca e disse-lhe: - Você, como não tem dente, viva comendo formiga - ; eis o motivo porque o Tamndoá, *Ioty*, é um animal inacabado e imperfeito.

Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia estes animais, *Camé* fazia outros para os combater; fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluido este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues* ; viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de árvore e, depois de todos passarem, *Cayurucré* disse a um dos de *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e morressem. Assim o fez o de *Camé* ; mas, dos tigres, uns cahiram à agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas; o de *Camé* quiz atiral-os de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças.



**Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos *Camés*, estes com as *daquelles*, e como ainda sobravam homens, cazaram-os com as filhas dos *Caingangues*.**

**Dahi vem que, *Cayurucrés*, *Camés* e *Caingangues* são parentes e amigos."**

## ANEXO-II

MITÓ DA ORIGEM DO MILHO, FEIJÃO E MORANGAS,  
REGISTRADO POR TELÊMCO BORBA NA OBRA  
"ACTUALIDADE INDÍGENA", 1908: 23.

### "NHARA" \*

Meos antepassados alimentavam-se de fructos e mel; quando estes faltavam, soffriam fome. Um velho de cabellos brancos, de nome *Nhara*, ficou com dó delles; um dia disse a seos filhos e genros que, com cacetes, fizessem uma roçada nos taquaraes e a queimassem. Feito isto, disse aos seos filhos que o conduzissem ao meio da roçada; alli conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros: - tragam cipós grossos. - E tendo estes lh'os trazido, disse o velho: - Agora vocês amarrem os cipós a meo pescoço, arrastem-me pela roça em todas as direcções; quando eu estiver morto, enterrem-me no centro della e vão para os mattos por espaço de tres luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de fructos que, plantados todos os annos, livrarão vocês da fome. -Elles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse: - O que ordeno é para o bem de vocês; se não fizerem o que mando, viverão soffrendo e muitos morrerão de fome. "E, de mais, eu já estou velho e cansado de viver." Então, com muito choro e grita, fizeram que o velho andou e foram para o matto comer fructas. Passadas as três luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, que é o **milho, feijão grande e morangos.**\*\* Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com elles as sementes. É por este razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer fructas e caçar por tres ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra; não foram os brancos que trouxeram da terra delles. Demos ao milho o nome de *Nhara* em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com seo sacrificio, o produzio."

\* *NHARA* , de acordo com a gramática Kaingang do SIL. 1971. é escrita gâr e a pronúncia, conforme percebemos em campo, se aproxima de "nhór" lido como no português, mas pronunciando um "g" bem guturalmente. Entretanto, percebemos uma variação dialetal em pessoas que moram no Xapeco mas têm origem de outra áreas.

\*\* grifo meu.